

REVISTA 6 CLICKS

Edição Nº 4 - Mai/Jun/Jul 2022

Foto: Renato Guariba



CULTURA E NATUREZA

Roteiro nas comunidades indígenas de Roraima promove contato com costumes, cultura, muita natureza e aventura pelas belezas naturais.



GASTRONOMIA

Entre um passeio e outro nas comunidades, as descobertas gastronômicas vão surpreendendo os visitantes que decidem desbravar o etnoturismo em Roraima.



VAI VIVER

Etnoturismo: como se preparar para descobrir novas culturas. Confira nesta edição dicas e bora desbravar este turismo recheado de aventuras.

ETNOTURISMO



Expediente

Diretoria Executiva:

Renato Guariba
Luara Leimig

Jornalista responsável:

Luara Leimig MTB 55616

Fotografia: Renato Guariba

Fotos aéreas: Elias Macuxi

Reportagem e textos: Luara Leimig

Revisão gramatical: Jacqueline Carvalho

Projeto gráfico e diagramação:

Vanessa Almeida

Impressão gráfica:

Gráfica Qualidade DF

Tiragem: 2 mil exemplares

Distribuição nacional: gratuita

Periodicidade: trimestral

Nosso endereço: SHCS (Setor de Habitações Coletivas Sul) CR (Comércio Residencial) Quadra 502 Bloco C Loja 37 Parte 2572 CEP 70.330-530

Telefone: +55 (61) 3247-1548

E-mail: 6clicksrevista@gmail.com

CNPJ: 09.195.295/0001-73

Parceiros nesta edição:

GSI Vigilância

www.gsvigilancia.com.br

(61) 3026-4440

Blog Vai Viver

instagram.com/vaiviver

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e fotos sem prévia autorização.

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É COMERCIALIZADA EM BANCAS DE JORNAIS E NINGUÉM ESTÁ AUTORIZADO A VENDER ASSINATURAS EM NOME DA REVISTA 6 CLICKS.

ÍNDICE

Editorial05

Bananal 06

Bananal em 6 Clicks 09

Guariba10

Guariba em 6 Clicks12

Kauwê14

Kauwê em 6 Clicks16

Raposa 118

Raposa 1 em 6 Clicks21

Gastronomia Indígena22

Flexal24

Flexal em 6 Clicks26

Ingaarumã28

Ingaarumã em 6 Clicks30

Tarau Paru32

Tarau Paru em 6 Clicks34

Fora da Rota36

Desenvolvimento do turismo Sebrae40

Vai Viver44

Nova Esperança46

Nova Esperança em 6 Clicks48

6 Clicks

A Revista 6 Clicks nasceu da paixão pela natureza, pelo turismo de aventura e da vontade de conhecer e divulgar destinos fora da rota tradicional do turismo. Juntos, a equipe de jornalista e fotógrafos resolveu compartilhar suas experiências por trilhas, passeios, rotas gastronômicas e destinos do Brasil e do mundo. O nome 6 Clicks veio da ideia de, ao final de cada reportagem, resumir o que cada destino tem de mais interessante em seis registros fotográficos incríveis!

EDITORIAL

Etnoturismo em Roraima

Já pensou poder viajar e conhecer de perto, viver mesmo a cultura do povo indígena? O etnoturismo, que é o turismo em terras indígenas, permite que os visitantes façam uma verdadeira imersão na cultura, costumes e tradições dos povos indígenas em Roraima.

Desde 2019 o turismo em terras indígenas vem sendo trabalhado pelo Departamento de Turismo do Governo de Roraima, porem poucas comunidades estavam abertas para este turismo. Agora, em 2022, a meta é tornar uma realidade a atividade do etnoturismo por lá e a revista 6Clicks foi conferir este trabalho!

Antes de falar mais sobre este tema, lembro aqui que Roraima foi o nosso primeiro destino retratado nas páginas da revista 6 Clicks. O estado mais ao norte do país tem apenas quinze municípios e , somadas, estas cidades têm 631 mil habitantes, sendo a grande maioria concentrada na capital Boa Vista, com 419 mil pessoas de acordo com a estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Rodeada por terras indígenas e fazendo fronteira com a Venezuela e com a Guiana, Roraima guarda uma mescla de sabores e culturas, que dificilmente se encontra em outro local do país. Isso torna o destino único e especial.

Nesta edição nº 4 voltamos a Roraima, mas com uma missão ainda mais especial, trazer para nossos leitores nossas trilhas e descobertas de paisagens incríveis pelas comunidades indígenas do estado. Lá está uma das maiores concentrações de terras demarcadas do país, são 10 etnias distribuídas em 33 terras indígenas, mais de 700 comunidades que ocupam 46% do território. Nossa equipe visitou oito delas e saímos de lá encantados com a experiência.

Mas um recado importante aqui, nem todos os povos e comunidades indígenas estão abertas para visitaçao. Alguns preferem não ter contato com pessoas de fora de sua comunidade e por isso é muito importante visitar os locais que tem autorização para isso, acompanhados das empresas de turismo credenciadas.

Dito isto, bora conhecer a cultura, gastronomia, aventura e simpatia deste povo acolhedor, rico em sabedoria e simpatia!

BANANAL

Dormir em rede, se alimentar da gastronomia local e viver a rotina de uma comunidade mista de indígenas brasileiros e venezuelanos. Essas são algumas das experiências que quem escolher visitar a comunidade do Bananal vai encontrar.

A comunidade fica na cidade de Pacaraima (RR), cravada no meio da Terra Indígena São Marcos, bem na divisa do Brasil com a Venezuela, Pacaraima esconde riquezas e culturas ainda pouco exploradas pelos brasileiros. Para chegar até lá saindo da capital Boa Vista, é preciso pegar a BR-174, são cerca de 220 quilômetros e a viagem leva em média três horas.

Porém, indo por este mesmo caminho, a comunidade de Bananal fica em um acesso antes de chegar ao centro de Pacaraima. Aqui vale uma lembrança, a visita nesta e em todas as demais comunidades indígenas deve ser feita com agendamento prévio, por meio das agências de turismo autorizadas para tal serviço, que podem ser encontradas pela página do Departamento de Turismo de Roraima <http://turismo.rr.gov.br/>.

Na Bananal, que já está muito bem preparada para receber os turistas, vivem 400 pessoas pertencentes a 102 famílias, todos da etnia Taurepang. Destas, 18 famílias são de indígenas da mesma etnia, só que venezuelanos que deixaram o lado de lá da fronteira e hoje vivem na comunidade do Bananal.



Foto: Elias Macuxi

Por ser uma comunidade tão perto da fronteira, a cultura dos dois países se mescla em tudo por lá. Na mesa estão sempre presentes pratos tradicionais da culinária indígena roraimense como a damorida, o beiju, tapioca e a farinha, mas também arepas e outros alimentos venezuelanos. O artesanato típico dos indígenas da etnia Pemon (como são chamados os Taurepang na Venezuela) também está presente na comunidade e virou fonte de renda para diversas famílias, juntamente com a agricultura e o turismo.

Para receber os hóspedes eles preparam uma área de camping com diversas cabanas individuais, feitas com folhas secas e que tem local para pendurar uma rede. É neste espaço que os visitantes passam a noite e podem se conectar com a natureza, dormir ouvindo os sons da floresta e sentir realmente como é a vida na comunidade. “O projeto de abrir a comunidade para o turismo está trazendo ao mesmo tempo desenvolvimento para a comunidade e fazendo com que nossa cultura

Arte feita pelos indígenas da comunidade atrai os visitantes.



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

▲ Arepas venezuelanas são parte da alimentação da comunidade de fronteira.



Foto: Renato Guariba

volte a ser valorizada, preservada. Infelizmente com a tecnologia chegando em todos os lugares, muitas vezes os costumes vão se perdendo, porém como hoje eles enxergam que manter a nossa cultura viva, preservar a nossa língua desde as crianças e seguir nossos costumes vai atrair turistas, as tradições estão voltando a ser cultivadas”, explicou o vice-tuxaua Clotildo Contreira, que é também o coordenador de turismo local. (O tuxaua é o líder da comunidade e todas elas tem um tuxaua e vice tuxaua, que são os responsáveis por lá).

E por falar em tecnologia, a internet já chegou na comunidade Bananal. Para quem não consegue sair de casa e se desconectar de vez, é possível adquirir pacotes de internet lá mesmo que funcionam na base da comunidade. A luz funciona com geradores e fica ligada das 7h00 às 22h00.



Foto: Renato Guariba

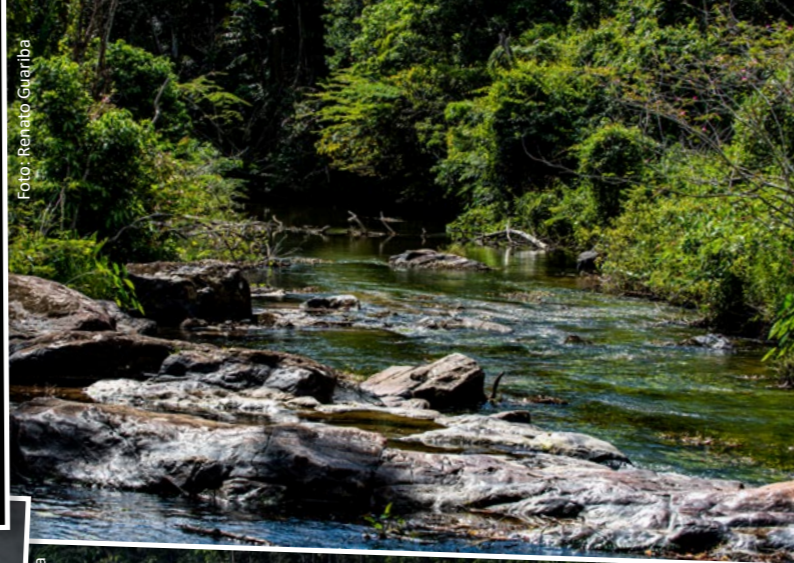


Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



▲ Cabanas, dormitórios.

Trilhas

Comunidade já acostumada a receber turistas aventureiros, a Bananal possui pelo menos duas trilhas bastante procuradas pelos trilheiros e que são consideradas bem intensas, mas que valem a pena o desafio.

Uma delas é a trilha do Urubu Rei. Percurso de intensidade considerada média e caminhada forte, com duração de quatro dias e com acampamento em barracas em meio a mata nativa, ela leva até cachoeiras lindas. O percurso começa no pé da serra e é cheio de aventuras e paisagens e cachoeiras lindíssimas. Outra opção para quem quer ainda mais aventura e tem um pouco mais de tempo, é aliar o Urubu Rei a trilha da Cachoeira das Andorinhas. Juntas elas levam sete dias e seis noites para serem percorridas. São trechos rodeados de belezas naturais, florestas, lavrado, fauna e flora, ainda pouco visitado pelos turistas. A sugestão

aqui é ficar um ou dois na comunidade vivenciando a rotina por aqui e depois partir para as trilhas longas com acampamentos na floresta.

Atividades

Para quem tem pouco tempo e pode apenas passar um dia na comunidade, sem trilhas ou com pernoites por lá, existem passeios de bate e volta da capital Boa Vista até lá. Neste passeio é possível participar de atividades como conhecer a casa de farinha e a produção do alimento, rodas de conversa, artesanato e trilhas rápidas no entorno da comunidade.

BANANAL EM 6 CLICKS

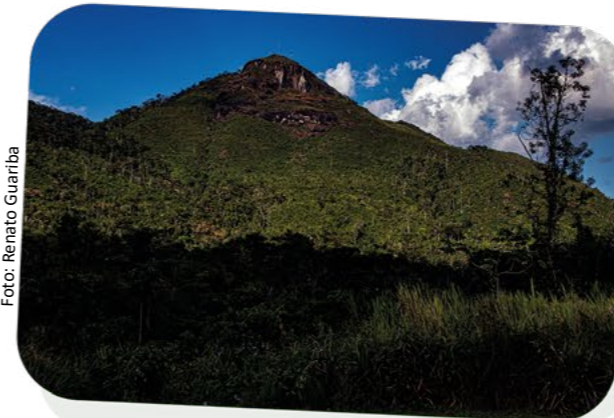


Foto: Renato Guariba

▲ Natureza ao redor da comunidade é cenário de diversas trilhas.



Foto: Renato Guariba

▲ Artesanato feito pelos indígenas Venezuelanos e Brasileiros que vivem no Bananal é uma das opções de renda da comunidade.



Foto: Renato Guariba

▲ Cabana onde turistas esticam as redes para o pouso na comunidade do Bananal.



Foto: Elias Macuxi

▲ Comunidade do Bananal



Foto: Renato Guariba

▲ Língua indígena é falada e utilizada na identificação da comunidade.



Foto: Renato Guariba

▲ Vida na comunidade e atividades seguem normalmente enquanto visitantes passeiam por lá.

GUARIBA

A comunidade do Guariba abriga o povo de etnia de maioria Wapichana e fica na região do município de Amajari (RR), próximo ao acesso que leva a Vila de Tepequém. Nela os turistas encontram opções de passeios em um dia de bate e volta da capital Boa Vista (2h30 de viagem) ou roteiros com pernoites junto aos moradores.

Entre os atrativos apresentados pelo tuxaua Jadir Tavares Santiago aos visitantes, estão a vivência na casa de farinha, onde os turistas acompanham desde a retirada da mandioca da terra até o processo de torra da farinha; danças típicas; esportes como o cabo de guerra e a corrida com tora ou arco e flecha; rodas de conversa apresentando a comunidade e suas tradições; trilhas ecológicas por cachoeiras e igarapés, entre outros.

Além dos Wapichana, existem também indígenas das etnias Macuxi e Taurepang entre os 460 moradores da Guariba. “Existem atrativos que podem ser semelhantes em uma comunidade e outra, mas cada comunidade tem sua identidade e sua forma singular de receber, o que faz com que a gente se encante e se surpreenda em cada experiência”, disse o diretor do Departamento de Turismo de Roraima, Bruno Dantas Muniz de Brito.



Foto: Renato Guariba

Dicas que valem para todas as comunidades

Para uma experiência completa, é preciso se adequar às regras da comunidade. Elas existem e devem ser cumpridas, algumas ligadas a preservação da natureza como carregar todo seu lixo de volta para a cidade e descartar no local correto, ou mesmo ligadas às crenças dos povos.

Na maioria das comunidades, por exemplo, mulheres menstruadas não podem participar dos passeios. Os indígenas acreditam que as mulheres quando estão neste período acabam ficando vulneráveis a atraem coisas negativas, espíritos ruins e podem inclusive atrair tragédias para as comunidades.

Outra dica importante, bebidas alcóolicas não são aceitas nas comunidades durante as visitas.



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

Foto: Renato Guariba

GUARIBA EM 6 CLICKS



Foto: Renato Guariba

▲ Acompanhar todo processo de produção de farinha é um dos atrativos na comunidade Guariba.



Foto: Renato Guariba

▲ Casa típica da comunidade.



Foto: Elias Macuxi

▲ Comunidade Guariba



Foto: Elias Macuxi



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

▲ Peixes dos rios roraimenses são parte importante da alimentação na comunidade.

KAUWÊ

Pensa num lugar acolhedor, um povo que te abraça com o olhar ao te recepcionar em seu lar. Assim é o povo da comunidade Kauwê, outra das comunidades abertas aos turistas dentro da área do município de Pacaraima (RR). A Kauwê fica próxima da cidade, em uma área rural de divisa de fronteira, já em terras que estão parte das Terras Indígenas de São Marcos e parte na Serra do Sol.

De acordo com o tuxaua Anísio Pedrosa Lima, na Kauwê vivem 125 pessoas divididas em 52 famílias. A maioria é da etnia Macuxi, mas existem também indígenas das etnias Taurepang e Pemont. Na comunidade é possível fazer roteiros de um dia ou mais, pernoitando em redes por lá.

E quem optar por ficar por lá mais de um dia não vai se arrepender. A comunidade agrada em todos os detalhes, desde a culinária muito saborosa e com mesas de um capricho encantador, passando pelo espetáculo da natureza ao apreciar de sua rede um céu estrelado encantador, até a experiência de poder vivenciar parte da noite ao lado da comunidade em volta da fogueira escutando os causos e lendas contados com empolgação e orgulho pelos mais antigos.



Foto: Renato Guariba



Foto: Luara Leimig

▲ Roda de contação de lendas e histórias indígenas ao redor da fogueira na comunidade.



Foto: Renato Guariba

Durante o dia as atividades também incluem vivências com os integrantes da comunidade e natureza. Existem opções de passeios à cavalo e trilhas a pé que levam para quatro de cachoeiras por lá, desde a Cachoeira da Onça que tem um percurso de 11 quilômetros de trilhas na mata, até a bela Cachoeira da Prima Vera, que fica cerca de quatro quilômetros da comunidade, trecho feito de carro e que tem uma trilha de apenas 200 metros até a queda.

Outra atividade bastante apreciada por visitantes e moradores é ver o pôr do sol ou o nascer dele do alto do Morro das 3 Cruzes. Para chegar até ele, tem uma trilha leve de três quilômetros até o topo, onde estão três cruzes e também os marcos BV8 da divisa de países Brasil e Venezuela. Ali você está o tempo todo pisando hora em território brasileiro e hora em terras venezuelanas. Do alto dele é possível também avistar comunidades vizinhas do município da Gran Sabana, na Venezuela.

“Para gente é uma alegria receber e poder falar da nossa cultura, dividir nossos costumes. Quanto mais a gente fala, mas se resgata e mantém viva nossas tradições”, disse a Macuxi, Karynna Stael, 33 anos, diretora do Departamento de Turismo de Pacaraima, que é moradora da comunidade Kauwê.



Foto: Elias Macuxi

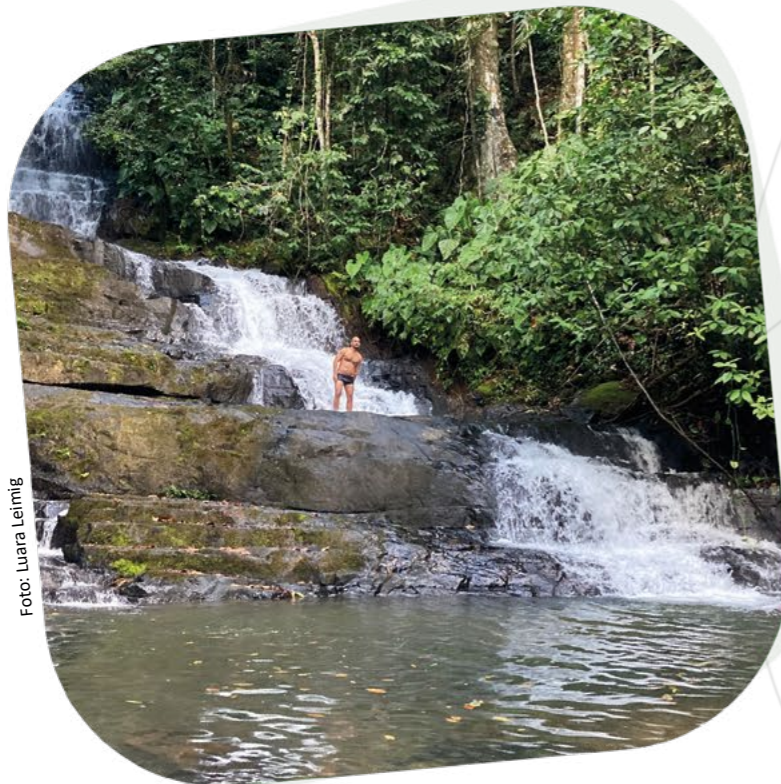


Foto: Luara Leimig

▲ Cachoeira da Prima Vera



Foto: Renato Guariba

▲ Céu estrelado é um dos presentes para quem optar por pernoitar na comunidade.



Foto: Luara Leimig

▲ Contação de lendas indígenas em volta da fogueira é uma das atividades noturnas na comunidade.



Foto: Renato Guariba

▲ Fim de tarde no Kauwê



Foto: Elias Macuxi

▲ Pôr do sol no morro das 3 cruzeis, com um pé do Brasil e outro na Venezuela.



Foto: Renato Guariba

RAPOSA 1

Comunidade pioneira no etnoturismo, a Raposa 1 em Normandia é referência para o desenvolvimento do turismo nas comunidades indígenas de Roraima. Localizada no município de Normandia, distante cerca de 240 km de Boa Vista, a Raposa está nas terras da Serra do Sol.

E faz por onde ser referência. Estar no local é uma experiência incrível e logo de início já deixo aqui a dica para separar pelo menos dois ou três dias para ficar por lá e poder realmente viver a cultura indígena.

A organização no local chama atenção e a recepção acolhedora logo de início fica por conta do Enoque Raposo, macuxi fluente em cinco línguas e que desde 2016 se dedica ao fomento da cultura e turismo na comunidade. Turismo este muito apreciado pelos estrangeiros que antes da pandemia de deslocavam de toda parte do mundo para se hospedar por lá. Hoje este turismo de estrangeiros está recomeçando e agora dividindo espaço com os brasileiros.

Logo na chegada os visitantes recebem as primeiras informações da comunidade e são servidos com o pajuaru, uma bebida fermentada de mandioca e servido na cuia de cabaça como forma de desejar as boas vindas para todos (bebida com teor alcoólico).



Foto: Renato Guariba

Neste momento eles também são brindados com pinturas corporais típicas dos indígenas e as danças de boas-vindas como a parixara. “Estou simplesmente encantada com tudo. Eu conhecia dos livros e meus estudos do povo macuxi, mas poder estar aqui vivenciando esta cultura, esta fartura e patrimônio que é a cultura macuxi. É inesquecível”, disse a pesquisadora Alessandra Mansur, que é de São Paulo e se hospedou na comunidade por alguns dias em janeiro deste ano. Ela está fazendo um doutorado sobre a alimentação macuxi e a vivência na Raposa 1 vai estar no trabalho.

Recepcionados, quem optar por dormir por lá, segue para as acomodações, montadas em redes ou barracas (é preciso levar sua rede ou barraca) nas casas dos moradores da comunidade.

Natureza

Fora a cultura, a gastronomia saborosíssima, a oportunidade de poder estar vivenciando os hábitos (desde os mais simples como acordar e entre uma conversa e outra ir colher mangas na árvore e comer ali mesmo) e costumes deste povo, a natureza na Serra do Sol é privilegiada. O Lago Raposa tem mais de 12 quilômetros e é lindíssimo. Nele é possível fazer passeios de barco, ver o pôr do sol, observar os animais ou mesmo passar horas se refrescando e descansando por lá.



Foto: Renato Guariba

Outro passeio ligado à natureza é Cachoeira da Raposa (ou Maikan Emeru - nome indígena). São 6,5 quilômetros de carro do centro da comunidade até o início da trilha da cachoeira (somente 600 metros de caminhada ida e volta). Aqui além de observar a paisagem e se refrescar nas águas da raposa, no caminho o Enoque vai contando aos visitantes as histórias e curiosidades de seu povo como a lenda que explica o motivo do nome da cachoeira e do lago.

Rio Raposa



Foto: Luara Leimig



Foto: Renato Guariba



Foto: Luara Leimig



Foto: Luara Leimig

▲ Produção de panelas de barro em família acontece dia e noite.

RAPOSA 1 EM 6 CLICKS



Foto: Renato Guariba

▲ A tradição secular das panelas de barro Macuxi se mantém na comunidade.



Foto: Renato Guariba

▲ Cachoeira da Raposa

Segundo ele, a lenda diz que os filhos de Macunaíma pescavam sempre por ali e tinham uma raposa de estimação que nunca saía de perto deles. Um certo dia eles pescando a raposa saiu de perto e entrou em uma toca de tatu para caçar. Os indígenas não acharam ela e ficaram procurando por horas até achar um buraco do tatu que ela tinha entrado. Eles então teriam começado a cavar em todo local tentando achar ela. Depois de horas cavando encontraram ela em cima da cachoeira fazendo a digestão do tatu que ela havia comido. Com raiva do trabalho que o animal deu para eles, decidiram matar e colocar ela esquartejada em vários pontos que se transformam na cachoeira que tem formato de raposa. Dizem que olhando e do alto dá para ver as pedras que formam exatamente uma raposa completa. O buraco onde eles começaram a cavar se transformou em um lago, o lago da raposa.

conhecimento passado de geração em geração, esta arte ocorre desde a época de fundação da vila.

O trabalho começa com a retirada do barro em uma serra próxima da comunidade. Existe todo um ritual para esta coleta do barro, onde elas pedem permissão às entidades para poder pegar o material e levar para casa sem ofender a natureza.

De volta à comunidade, o barro é seco, moído e passa por uma série de procedimentos, para então estar pronto para ser moldado por elas. Acompanhar a produção é lindo, é um processo artesanal e de perfeição incrível que ocorre dia e noite por lá para que elas consigam dar conta da demanda de encomendas. Quem visita a comunidade pode além de observar e de comprar as peças, têm a oportunidade de participar de oficinas para aprender como fazer.

Além de lindas, as panelas de barro deixam um sabor especial na comida e por isso elas são disputadas pelos restaurantes do norte do país. “Fazer panelas de barro é um ritual que aprendi com minha avó e é feito com respeito e amor todos os dias. Este rito começa desde a hora que a gente vai buscar o barro e pede licença para isso, até o final do processo”, contou a ceramista Joana de Souza Fidelix, 59 anos.

Cerâmicas: “carro chefe” da casa

Famosas em todo o estado e nos estados vizinhos como o Amazonas, as panelas de barro macuxi são a principal atração da Raposa 1. Grande parte da comunidade se envolve com a produção das peças. Transformando o barro em arte com as mãos e com



Foto: Elias Macuxi

▲ O imenso Lago Raposa.



Foto: Renato Guariba

▲ Pôr do sol na comunidade.



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

GASTRONOMIA INDÍGENA



Foto: Renato Guariba

▲ Tambaqui assado e diversos outros peixes amazônicos fazem parte da alimentação indígena.

Nossos leitores aqui da 6 Clicks sabem que viajar e provar as comidas típicas de cada região visitada é ponto fundamental das viagens que fazemos. E nesta expedição pelas comunidades indígenas não foi diferente.

O sabor tão marcante das comidas do extremo norte de Roraima coroou nosso tour durante a vivência ao lado dos povos indígenas. Preparadas para receber seus visitantes, todas as comunidades ofereciam mesa farta desde o amanhecer até a última refeição.

Com uma alimentação à base de peixe na maioria delas, mandioca e todos os pratos e bebidas feitos dela, quem resolver fazer esta imersão por lá vai sair com alguns quilinhos a mais, já que é difícil resistir a tanto alimento fresco, delicioso e ofertado com tanto gosto.

Como mencionei, a mandioca é um dos principais alimentos utilizados pelos indígenas até hoje. Dela são feitas as farinhas que são usadas em todas as refeições; as tapiocas; o beiju (semelhante na aparência a uma



Foto: Arquivo pessoal

▲ Nossa repórter tentando auxiliar no preparo do beiju, comida servida em todas as comunidades por lá.

tapioca, mas feito da massa da mandioca e não da goma, como a tapioca - e bem maior, vejam na foto); as bebidas como o caxiri (bebida de teor alcoólico feita a base da mandioca fermentada); bolos, etc.

Os peixes também estão na maioria das mesas das comunidades indígenas de Roraima. Ele aparece em diversas versões, assado, frito ou ensopado, mas o principal prato é a Damorida. Símbolo da culinária da etnia macuxi, a damorida é um caldo de peixe, um ensopado, com diversos tipos de peixe (eles usam o que tiverem no momento), muita pimenta e folhas verdes. O sabor é muito peculiar e vale a pena experimentar, mas quem não é acostumado com pimentas é bom ir devagar.



Foto: Renato Guariba



Arepas venezuelanas

Foto: Renato Guariba



Damorida

Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

▲ O cupim (vivo) faz parte da alimentação de algumas comunidades indígenas de Roraima.

Por se tratar de uma região de fronteira (Brasil X Venezuela) em algumas comunidades a culinária venezuelana está muito presente e as famosas arepas venezuelanas (semelhante a um pastel, feito à base de farinha de milho, frito e com recheio de carnes ou frango. É considerado o pão deles, alimento consumido todo dia, entre outros pratos.

E, para quem gosta de provar coisas bem exóticas, algumas comunidades mantêm o hábito de comer insetos (detalhe: vivos), como cupins. Eles garantem que o inseto é fonte de proteínas e faz muito bem para a saúde.

Estas são só algumas das delícias indígenas oferecidas por lá. A dica é preparar o roteiro, a mochila e colocar o pé na estrada para ir pessoalmente conferir todos estes sabores roraimenses. Bom apetite!

FLEXAL

A comunidade do Flexal fica na cidade de Uiramutã (RR). O município de Uiramutã está distante 360 quilômetros da capital Boa Vista e é a mais setentrional do Brasil, localizada mais ao Norte do país, fazendo divisa com a Guiana. Para chegar até lá é preciso pegar a BR-174, mas somente por um trecho, a maior parte do caminho é em estrada de terra. Apenas os primeiros 160 km são percorridos pela BR-174 Norte, por isso a dica é ir com carros mais altos, de preferência caminhonetes.

O município tem 10.700 habitantes, que se distribuem em mais de 8 mil km² de território e que tem maioria de sua população de indígenas, tendo ao seu redor uma riqueza imensa de natureza.

A cidade tem inúmeras opções de cachoeiras e trilhas e é isso que atrai os turistas para Uiramutã. Entre as mais famosas estão as cachoeiras de Urucá e Urucazinho, Paiuá e Sete Quedas.

Do centro de Uiramutã é preciso pegar uma estrada de terra de mais de uma hora para chegar até a comunidade, onde vivem 530 pessoas de 94 famílias, a maioria da etnia Macuxi. Lá os visitantes são recepcionados pelo tuxaua Getúlio Clementino Barbosa, 48 anos, e os moradores.

Foto: Elias Macuxi



A mesa farta, tradicional em todas as comunidades, está sempre pronta para receber os visitantes. Aqui os quitutes preparados pela indígena Gislene da Silva, de 42 anos, e oferecidos logo de manhã como mingau de inhame, o quarentão (um bolo de milho) e o inhame frito, garantem disposição de sobra para encarar todas as aventuras por lá.

Depois de conhecer o espaço central da comunidade, é hora de escolher um lugar para atar as redes em um dos espaços nas varandas cobertas das casas da comunidade. Redes atadas e visitantes alimentados, a diversão começa com as inúmeras trilhas e passeios disponíveis por lá. São passeios desde visitas às mais de 70 cachoeiras existentes na região e caminhadas mais curtas de cerca de meia hora até o pico do morro que dá para avistar toda a comunidade, até trilhas longas que duram entre duas horas e até quatro dias.

Comunidade Urucá

As duas imponentes cachoeiras Cachoeira Sete Quedas e Urucá, que arrastam turistas de todo o estado para Uiramutã, ficam na área de outra comunidade, bem próxima do Flexal, a Urucá. Nela vivem 62 famílias, também da etnia Macuxi. É possível estar hospedado em uma e visitar a outra e suas cachoeiras, sempre com a



Foto: Elias Macuxi



Foto: Renato Guariba

autorização dos tuxauas.

O trabalho para receber visitantes na Urucá está em andamento e os moradores estão trabalhando para construir espaços de convivência e recepção dos turistas por lá também.





Foto: Renato Guariba

▲ Aventura e emoção nos passeios.



Foto: Elias Macuxi

▲ Cachoeira Urucá



Foto: Renato Guariba

▲ Comunidade do Flexal

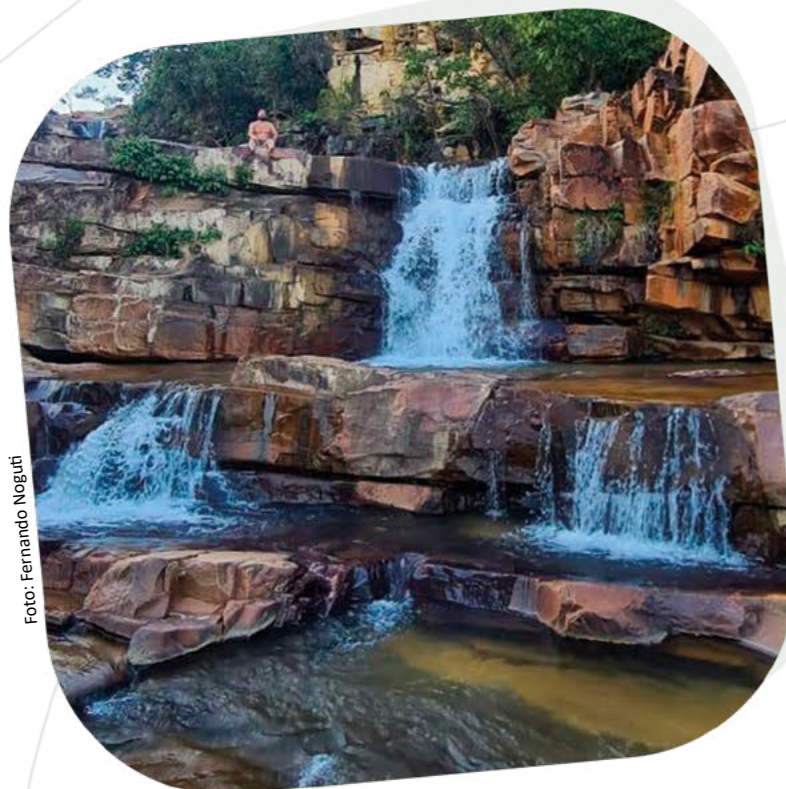


Foto: Fernando Noguetti

▲ Queda 1 da Cachoeira Sete Quedas.



Foto: Renato Guariba

▲ Paiú



Foto: Renato Guariba

▲ Pedras no caminho para Uiramutã. Lenda indígena conta que Deus Macunaima transformou dois indígenas travessos nestas pedras e hoje eles protegem a entrada das terras de Macunaima.

INGAARUMÃ

Alegria, mesa farta, música e muita cor. Assim é o cenário encontrado por quem visita a comunidade do Ingaarumã, também em Pacaraima.

Vestidos com roupas típicas, usando seus artesanatos e pinturas, os moradores da comunidade recebem os turistas com apresentação da parixara, uma dança indígena apresentada em momentos de alegria, que serve para dar as boas vindas. E aqui a gente não fica só apreciando não, todo mundo caia na dança. Crianças e adultos da comunidade chamam os visitantes para fazer parte do ritual e é uma festa.



Foto: Renato Guariba

Artesanato e produtos naturais

Aqui e em todas as comunidades, a produção do artesanato dos moradores fica disponível para venda e ajudam a complementar a renda da comunidade. Produtos como pimentas, doces, frutas e verduras produzidos por eles também podem ser adquiridos.



Foto: Renato Guariba

Treinamento

Para abrir suas portas aos visitantes, os indígenas da Ingaarumã e das demais comunidades receberam treinamentos e cursos que ajudaram no desenvolvimento do potencial turístico de cada um. Entre as atividades treinadas com eles estavam cursos de condutores (guias) e até noções básicas de primeiros socorros.



Foto: Renato Guariba



Fotos: Renato Guariba

INGAARUMÃ EM 6 CLICKS



Foto: Elias Macuxi



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

TARAU PARU

Uma das maiores comunidades indígenas em relação ao número populacional, a Tarau Paru também é uma comunidade que ocupa áreas do município de Pacaraima, na divisa entre Brasil e Venezuela e que reúne indígenas das duas nacionalidades. São mais de 820 pessoas, em sua maioria da etnia taurepang e que se comunicam em três línguas - português, taurepang e espanhol.

Na Tarau Paru também é possível vivenciar os costumes de seus moradores participando de suas atividades culturais como apresentações de músicas na língua taurepang e danças típicas (todos participam desde os pequenos que acabaram de aprender a andar até os mais velhos). Ou ainda integrar rodas de histórias ou descobrir seus sabores provando de sua culinária típica - os corajosos podem se deliciar com iguarias servidas diariamente por lá nas refeições, como os cupins (os insetos são servidos vivos).



Foto: Elias Macuxi

Para quem não perde uma aventura em contato com a natureza, existem três trilhas que permitem uma interação direta com a fauna e flora local e leva até cachoeiras e igarapés. Elas podem ser feitas a pé, de bicicleta ou de moto. A comunidade também vai oferecer oficinas de barro e artesanatos aos seus visitantes. “Nós temos uma sociedade envolvente que entrou na nossa vida, já que nós temos que hoje acompanhar este mercado de trabalho externo que oferece oportunidade aos jovens da comunidade para você ser alguém na vida, mas nós não vamos nunca deixar nossas tradições morrer. Desta forma, trazer o turismo para conhecer o que temos, faz fomentar e manter viva nossa história”, explicou o tuxaua Aldino Alves Ferreira.



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

TARAU PARU EM 6 CLICKS



Foto: Elias Macuxi



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

FORA DA ROTA

Seguindo na temática do turismo envolvendo comunidades indígenas, nosso “Fora da Rota” desta edição é especial: o turismo no Pico da Neblina e as comunidades indígenas que servem de apoio para concluir a expedição ao ponto mais alto do país, que tem quase três mil metros. O Pico da Neblina ou Yariopó (denominação indígena do pico) possui 2993 metros de altitude e fica localizado na Serra do Imeri, no Amazonas. Chegar até o topo dele exige muita força de vontade, determinação, resistência e uma logística enorme. Todo o percurso contou com o apoio dos povos indígenas daquela região.

Fora da rota de Roraima, a expedição acontece na Amazônia e vale muito a pena o ‘desvio’ na rota por aqui. O ponto de partida para este desafio é Manaus, capital do Amazonas. De lá é preciso pegar um voo até São Gabriel da Cachoeira (AM) e aí iniciar a jornada de carro, voadeiras e trilha a pé.

O pico estava fechado desde 2015 para o turismo e teve sua primeira expedição de retomada do turismo em março de 2022. Esta aventura será contada aqui pelo empresário Joaquim Magno, que acabou de fazer esta expedição tão mágica e desafiadora.

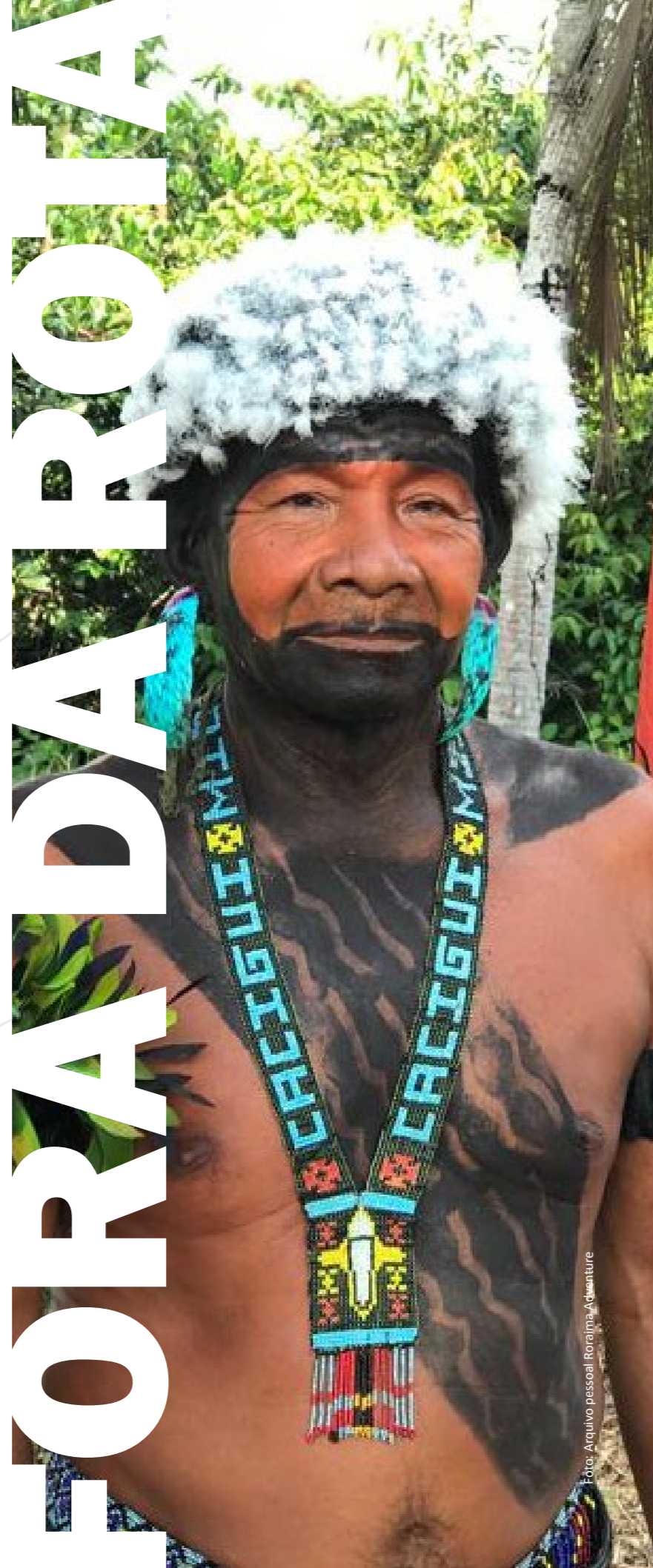


Foto: Arquivo pessoal Roraima Adventure

TURISMO NA AMAZÔNIA E PICO DA NEBLINA (YARIPO)

Por: Joaquim Magno de Souza

A Amazônia é algo fenomenal, em todos os aspectos, onde tudo tem dimensões gigantescas. As distâncias não se medem em quilometragem, mas em tempo: horas, dias, semanas, para sair de um ponto a outro.

Estar na Amazônia é mergulhar no âmago da ancestralidade, é buscar evidências da existencialidade humana, entender uma parte da nossa história, enxergar um pouco do nosso futuro.

Para mostrar isso sem que ficasse apenas no apelo comercial, buscamos o diferencial na forma de apresentar a viagem como sendo mais do que uma simples aventura, mas uma experiência que trouxesse transformação de vida aos participantes. E para isso era necessário ter uma logística e equipe que trouxesse algo mais do que todos esperavam: bons equipamentos, cuidados com a alimentação oferecida,

segurança, comunicação, guias experientes e que oferecessem tratamento humanizado aos clientes.

Ao longo do tempo aprendemos que o bem mais precioso está na transformação de vida que cada visitante experimenta. Descobrimos que cada passo dado nas experiências de viagens são oportunidades únicas de transformação do modo de pensar e encarar a vida. Descobrimos que são, na verdade, grandes viagens de transformação.

A Amazônia abriga a maior quantidade, a maior densidade, e todas as formas de identificação quando se fala em culturas indígenas: muitas, mas muitas comunidades, inúmeras etnias, boa parte com envolvimento com a sociedade urbana, algumas mais isoladas, outras totalmente sem contato. Assim é o mosaico amazônico.



Foto: Arquivo pessoal Roraima Adventure





Foto: Arquivo pessoal Roraima Adventure

A convivência com tantas diversidades dos povos da Amazônia, sobretudo os indígenas, requer respeito, empatia, compreensão das diferenças, e compreensão da visão de mundo que eles têm.

A Roraima Adventures é pioneira na operação deste destino, desde 2007, num tempo em que ainda não havia regulamentação, mas sempre operando com as devidas autorizações dos órgãos competentes e em aliança com os povos Yanomami, de maneira organizada, profissional, contribuindo para que toda a cadeia envolvida fosse atendida. Assim, se tornou referência.

Recentemente, após a conclusão do Plano de Visitação, recebeu o convite para participar do Edital de Credenciamento, ao qual foi habilitada e reconhecida pelos Yanomami, Funai (Fundação Nacional do Índio) e ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), e se tornou uma das 03 credenciadas a operar.

Entre as operadoras credenciadas, nasceu uma parceria entre Roraima Adventures e Amazon Emotions, com forte identidade no perfil destas empresas no que diz respeito à visão de como o turismo deve ser desenvolvido na região, com extremo profissionalismo,

ética, transparência, sustentabilidade, segurança, com foco inclusivo das comunidades indígenas, gerando o sentimento de pertencimento e dignidade para os povos da floresta.

Em março deste ano de 2022, esta parceria organizou a 1ª expedição para a reabertura do Parque Nacional do Pico da Neblina, envolvendo o protagonismo Yanomami e assim realizando o sonho deste povo em ver as atividades de turismo como uma alternativa de renda, substituindo o garimpo por uma fonte limpa e legal de subsistência.

A expedição teve 09 turistas, 02 guias representantes das operadoras, além dos dois diretores (Joaquim Magno e Vanessa Marino) que participaram integralmente de todo o cronograma até o último dia, coordenando juntamente com a AYRCA (Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes), com uma equipe de 21 apoiadores indígenas, incluso entre eles 01 guia Yanomami.

A aventura começou no dia 20 de março, saindo de São Gabriel da Cachoeira (AM) pela BR 307, seguido de 07 horas de navegação até Maturacá, onde foram recebidos pelos anfitriões, cuja liderança dos Caciques e Tuxauas deram suas bênçãos aos visitantes.

Durante nove dias dentro da mata, com subidas e descidas, sob muita umidade, chuvas, calor e frio, por trilhas longas e extenuantes, chegaram à base do Yaripo (nome original do Pico da Neblina), onde fizemos o acesso ao cume com sucesso, se deslumbrando com o cenário do ponto mais alto do Brasil.

A viagem foi coroada com sucesso absoluto, com a volta do grupo no dia 31 de março no voo até Manaus (AM).

Em uma região em que povos lutam pela sobrevivência, onde tudo tem dimensões gigantes, onde a infraestrutura ainda caminha com grandes necessidades, fazer turismo na Amazônia é muito mais do que estar em meio à natureza, é muito mais do que fotografar ou conhecer pessoas, é muito mais do que passar alguns momentos longe das grandes multidões. Diante desse cenário único e maravilhoso, há que se ter um comprometimento com as atividades de turismo, valorizando verdadeiramente os povos que ali habitam, inserindo-os de forma real em todo o processo, como protagonistas, gerando atividades que sejam genuinamente sustentáveis, e que tragam um legado rico, duradouro e permanente para as pessoas

e comunidades envolvidas.

Com isso, o povo local ganha cada vez mais dignidade, autonomia, autoestima e perceberá que o turismo bem realizado, de forma profissional, planejado, compartilhado, será uma importante fonte de benefícios e ganhos comunitários, sem necessidade de alterações bruscas que prejudiquem um ambiente tão rico em belezas culturais e naturais.

Com esta visão do turismo de experiência, o visitante terá um olhar especial sobre o lugar, e o desejo de contribuir para a conservação virá junto na bagagem. Assim, o respeito e o cuidado se antecedem à sua chegada, e então a simbiose harmônica do visitante com os anfitriões estará selada, e todos colherão os melhores frutos ao fim da viagem.

Não se deve pensar em visitar a Amazônia se o propósito maior não for cuidar de tudo o que ela tem ou tudo o que ela é. A Amazônia é nossa. E somos nós que temos que cuidá-la, preservá-la e defendê-la. E o turismo sustentável, responsável e realizado por operadores sérios e comprometidos podem contribuir muito.



Foto: Arquivo pessoal Roraima Adventure

DESENVOLVIMENTO DO TURISMO

Desenvolvimento de produtos e roteiros turísticos nas áreas indígenas é foco de ações do Sebrae em Roraima

Por: Sebrae Roraima

Como parte do Projeto Investe Turismo, o Sebrae/RR iniciou em 2019 um “Mapeamento de Contos e Saberes” junto às comunidades indígenas do Estado com condições de receptivo turístico, com objetivo de desenvolver produtos e roteiros com foco no etnoturismo.

O Plano de Visitação foi iniciado nas comunidades indígenas dos municípios de Pacaraima e Boa Vista, tendo como público as comunidades do Bananal, Nova Esperança, Sorocaima, São Marcos, Boca da Mata, dentre outras.

A metodologia adotada deste mapeamento, consistiu na estruturação de planos estratégicos para alcançar um levantamento dos principais traços culturais de cada comunidade indígena, avaliando aspectos como a dança, religião, costumes, culinária e contação de história.

Ação percorreu comunidades de Pacaraima, Normandia, Amajari e Uiramutã



▲ Comunidades visitadas expuseram seus atrativos e atividades.

Para dar corpo e força ao projeto, o Sebrae firmou parcerias com as prefeituras dos municípios de Boa Vista e Pacaraima, Departamento de Turismo do Estado (DETURR) e Corpo de Bombeiros do Estado de Roraima, para dar início à preparação das comunidades mapeadas, no que tange o receptivo ao turista, com a realização dos cursos de Formação de Condutores e Agentes de Turismo, Precipitação de Roteiros Turísticos, Uso de Plataformas Digitais, Condução de Observadores de Aves e Preparação de Colaboradores Locais para a Rede Hoteleira. Estes cursos tiveram a carga horária de 12 a 20 horas e foram realizados in loco nas comunidades.

Esse trabalho de preparação das comunidades teve como resultado a construção de 12 planos de visitação nas comunidades, que foram protocolados com apoio do DETURR junto à Fundação



▲ Rodada de palestras do Sebrae e do governo nas comunidades.

Nacional do Índio (FUNAI), dando condições das comunidades indígenas passarem a desenvolver o turismo de forma sustentável, respeitando as características do etnoturismo do Estado.

Serviços pra você

TURISMO

Conceito: O Setor de Turismo tem demonstrado grande capacidade de recuperação de mercado desde o último ano. E os empresários vêm buscando cada vez mais a melhoria dos seus processos e ampliação de mercado e nisso o SEBRAE está sempre junto, com consultorias de Turismo Inteligente, capacitações, identificação de novos roteiros e contribuindo para a melhoria da gestão e adequação com uso de ferramentas de inovação e tecnologia.

O projeto tem como metas principais, o aumento de faturamento e a redução de custo das empresas atendidas.

Público-Alvo: O Projeto Setor do Turismo é destinado para empresários de microempresas, empresas de pequeno porte, microempreendedor individual e produtores rurais devidamente formalizados. Podendo participar do projeto toda a cadeia do turismo.

Objetivo: Levar conhecimento técnico especializado para os empresários e para a empresa em sua totalidade, promovendo a melhoria da gestão, da competitividade, da produtividade, bem como aumento de faturamento e redução de custo.

Se você é empresário do Setor de Turismo e tem interesse em conhecer melhor como trabalhamos, procure nossos técnicos e saiba mais.



Central de Relacionamento:
0800-570-0800

@SEBRAERORAIMA
loja.rr.sebrae.com.br

SEBRAE



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

▲ Famtour realizada este ano levou empresários do turismo para as comunidades

“Algumas comunidades já aderiram ao projeto de turismo e irão receber acompanhamento na melhoria do receptivo turístico, respeitando as condições relacionadas à sustentabilidade, economia circular e aos destinos turísticos inteligentes. Hoje temos 8 agências de turismo habilitadas a comercializarem esses destinos indígenas, o que agrega valor às parcerias com as comunidades”, explanou a Gerente da Unidade, Eliene.

*Especial publicitário. Texto de responsabilidade do Sebrae Roraima.

Já em 2022, uma grande ação promovida pelo Projeto de Turismo, ocorrida entre os dias 24 e 29 de janeiro, foi um “Famtour” em oito comunidades indígenas entre os municípios de Amajari, Pacaraima, Uiramutã e Normandia, sendo elas: Guariba, Bananal, Nova Esperança, Kauwê, Tarau Paru, Ingaarumã, Flexal e Raposa I.

Para a Gerente da Unidade de Competitividade Empresarial do Sebrae, Eliene Farias, o Famtour foi a oportunidade para os profissionais de turismo se aproximarem do etnoturismo e aguçar a criatividade para esse nicho turístico.

“Essa ação nada mais é do que uma viagem de familiarização para que os agentes de viagens tenham a chance de conhecer os destinos, para que tomem mais conhecimento e segurança na hora de recomendá-los aos seus clientes”, detalhou.

Ainda de acordo com a Unidade de Competitividade Empresarial, as ações de apoio ao desenvolvimento ao Enoturismo continuam através do Projeto de Turismo, que permanece com o apoio às comunidades indígenas participantes do Famtour, que inclusive estão realizando parcerias estratégicas com as agências de viagens.

O TURISMO INDÍGENA: SEUS IMPACTOS E COMO SE PREPARAR PARA UMA VIVÊNCIA!



O Etnoturismo pode ser definido por um turismo onde o visitante conhece de perto os costumes, tradições de um determinado povo, especialmente os indígenas! Conhecer os povos indígenas é desbravar nossa história e nossa origem, por isso, é preciso ficar atento as iniciativas que promovem esse tipo de turismo, para praticarmos com ética e respeito, tornando-o benéfico para o visitante e para as comunidades que o recebem!



Foto: Vai Viver

Existem diversos impactos, tanto positivos e negativos que podemos levantar sobre o turismo indígena, por exemplo, se a atividade for planejada e organizada, pode proporcionar a valorização das tradições do povo brasileiro e do meio ambiente, bem como geração de renda! É uma forma de combater atividades ilegais que muitos povos acabam praticando para obter sustento, como a extração ilegal de madeira.

de renda através do turismo pode causar pelos locais o abandono de atividades não tradicionais, pois o turismo pode ser considerado como um ganho mais fácil que por exemplo, fazer artesanato. Outro ponto que podemos citar é a descaracterização cultural, como por exemplo a tendência de consumo de produtos industrializados pelo comportamento dos visitantes.

Por isso, antes e ao fazer uma visita a comunidade indígena, leve em consideração algumas questões:

Se formos pensar nos impactos negativos, a geração

1 Busque estudar e entender as especificidades do local visitado, é preciso estar disposto e aberto a mergulhar verdadeiramente no universo local. Aprenda novas sensações e as particularidades da vida nesse ambiente.

2 Esteja presente de corpo e alma, se desligue dos seus costumes e só leve para a comunidade aquilo que for realmente necessário.



Foto: Vai Viver

3 Conheça as regras de visitação e adapte-se a programação local da comunidade, como por exemplo, uma nova vivência na alimentação regional, seus costumes de horários para despertar e para descanso...

4 Evite atitudes que possa desvalorizar ou descaracterizar a realidade local, como por exemplo ficar no celular, consumir alimentos industrializados ou até mesmo falar com uma linguagem inapropriada perto dos nativos.

5 Evite ficar tirando fotos sem permissão dos locais, sempre pergunte antes de retratar algum momento. Muitos deles não gostam de tirar fotografias, respeite a individualidade de cada um.

6 Além de todos esses itens, não vá a uma aldeia caso esteja com sintomas de doenças, como gripes e resfriados. Considere sempre o máximo de cuidados do ponto de vista sanitário para evitar risco de contágio e transmissão de doenças para os locais.

Em 2016, fizemos uma visita a Aldeia Multiétnica em Goiás, onde pudemos sentir de perto o dia a dia das comunidades indígenas. A vivência nos possibilitou aprendermos sobre os fundamentos da organização social, além de rudimentos do idioma, artesanato, gastronomia, das pinturas corporais, cantos, danças e outras manifestações culturais.

Foi uma oportunidade incrível de conviver com a nossa cultura de pertinho e aprender mais sobre conhecimentos históricos, culturais e sociais! Nós trocamos muito conhecimentos e experiências nas rodas de prosa, oficinais e fomos até convidadas pelo pajé a jantar com a família sua tradicional culinária: tapioca com peixe!



Foto: Vai Viver



Foto: Vai Viver

Uma experiência que todos devem viver com consciência e respeito! Permita-se conhecer sua história e mergulhar na nossa origem!

NOVA ESPERANÇA

Já pensou em se casar com o amor da sua vida (ou mesmo renovar os votos no caso de quem já é casado) em uma cerimônia indígena, dentro de uma comunidade em um lago com tochas e envolto por rituais indígenas? Isso é possível na comunidade Nova Esperança, que fica nas terras da Reserva São Marcos, região de Pacaraima (RR). No local vivem 300 pessoas das etnias Wapichana, Macuxi e Taurepang.

O casamento indígena, assim como a cerimônia de batizado indígena - onde os participantes que fazem todo o ritual saem da comunidade levando consigo além das experiências na memória, um nome indígena - são alguns dos atrativos oferecidos pela comunidade Nova Esperança. (Ambos devem ser agendados com antecedência).



Foto: Renato Guariba

Além destes eventos, nos dias de visita normal, logo que os turistas chegam são recebidos pelos integrantes da comunidade e o pajé Alfredo da Silva realiza uma cerimônia de purificação e é servido um chá de capim santo com limão, que também faz parte do rito de purificação, para iniciar os passeios.

Comunidade apresentada e ritos feitos, os visitantes podem escolher entre trilhas ecológicas, experiências na mata com imersão de 100% na selva (caça, pesca, pernoite na rede nas árvores, etc), vivências culturais como acompanhar a torra nas casas de farinha, entre outros passeios.

Ficou interessado em viver toda esta aventura em mais esta comunidade? Então é só procurar uma das agências autorizadas, agendar o passeio e arrumar as malas.

▼ Fartura! Peixes, farinha amerala e o beiju são sempre presnetes na mesa das comunidades.



Foto: Luara Leimig



Foto: Renato Guariba



Foto: Renato Guariba

As agências podem ser identificadas no site do Governo de Roraima www.turismo.rr.gov.br. Fica aqui também a dica de algumas que nos acompanharam nesta aventura durante a visita nas comunidades e que estão aptas a realizar os passeios:

- www.instagram.com/roraimaadventures
- www.instagram.com/makunaimaturismo
- www.instagram.com/clubenative
- www.instagram.com/passeiosturisticosrr
- www.instagram.com/golberymarques
- www.instagram.com/fuitrilharr
- www.instagram.com/trekkingroraimaturismo

NOVA ESPERANÇA EM 6 CLICKS



Foto: Elias Macuxi

▲ Comunidade Nova Esperança



Foto: Luara Leimig

▲ Lago da Chiquinha. Cenário para os casamentos e batizados indígenas na Nova Esperança.



Foto: Renato Guariba

▲ Natureza que faz parte da sobrevivência. Durante a trilha os indígenas ensinam a encontrar folhas que se transformam em copos e ajudam na hidratação do passeio.



Foto: Renato Guariba

▲ Pajé Alfredo da Silva é o responsável pelo ritual de recepção aos visitantes.



Foto: Renato Guariba

▲ Pinturas rupestres deixadas pelos antepassados que viveram nas terras da região são mais uma das riquezas encontradas nas trilhas.



Foto: Renato Guariba

▲ Selva! Além das trilhas, a vivência com pouso na selva é um dos passeios oferecidos pela comunidade.



Foto: Renato Guariba



Beleza, tradição e hospitalidade

12 roteiros de etnoturismo na Região Turística "O Extremo Norte do Brasil"

Siga o nosso Instagram

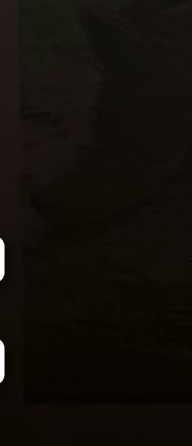
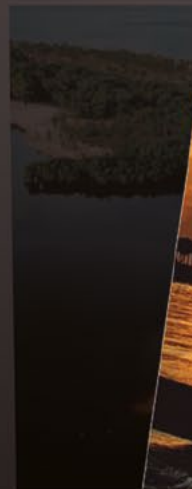
Acesse o nosso Instagram pelo endereço:
https://instagram.com/revista_6clicks

ou pelo QR Code abaixo.



CONTAT

PUBLICAÇÕES



@revista_6clicks



www.revista6clicks.com.br

